



DOSSIÊ TEMÁTICO:

QUESTÕES GEOPOLÍTICAS NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Artigo



**ENTRE RISCOS E OPORTUNIDADES, UMA ANÁLISE DA
TRANSNACIONALIZAÇÃO DOS RECURSOS ENERGÉTICOS EM
MOÇAMBIQUE**

**BETWEEN RISKS AND OPPORTUNITIES, AN ANALYSIS OF THE
TRANSNATIONALIZATION OF ENERGY RESOURCES IN MOZAMBIQUE**

**ENTRE RISQUES ET OPPORTUNITÉS, UNE ANALYSE DE LA
TRANSNATIONALISATION DES RESSOURCES ÉNERGÉTIQUES AU
MOZAMBIQUE**

Por Hagira Naide Gelo Machute; Carlota Raimundo Manjate & Rosalina Inacio Fumo

51

Hagira Naide Gelo Machute
Doutoranda em Geografia, Universidade
Pedagógica de Maputo, Moçambique,
<https://orcid.org/0000-0002-1488-8894>
<http://lattes.cnpq.br/6281365751273611>
hagiranaidegelo@gmail.com

Carlota Raimundo Manjate
Doutoranda em Geografia, Universidade
Pedagógica de Maputo, Moçambique.
cmanjate2016@gmail.com

Rosalina Inacio Fumo
Doutoranda em Geografia, Universidade
Pedagógica de Maputo, Moçambique.
rosalinafumo@yahoo.com.br

Como citar
GELO MACHUTE, H.N; MANJATE, C.R;
FUMO, R.I (2022). Entre riscos e oportunidades,
uma análise da transnacionalização dos recursos
energéticos em Moçambique. **Boletim
GeoÁfrica**, v. 1, n. 2, p. 51-72, abr.- jun. 2022

Recebido 26/03/2022
Aceite: 07/04/2022



RESUMO. Moçambique tem sido palco de uma crescente atracção de investimento directo estrangeiro por empresas mineradoras multinacionais com a descoberta e exploração de recursos energéticos como gás, carvão mineral, entre outros que proporcionam a transnacionalização. Os mesmos constituem elementos de relação com outros países, bem como parte da construção da ordem e da geopolítico-energética de Moçambique, destacando, sobretudo, a ascensão da exploração de pedras preciosas como rubi e gás natural e seu posterior questionamento como recursos energéticos de poder para Moçambique. O presente artigo tem como objectivo compreender o conceito de transnacionalização dos recursos energéticos em Moçambique e os riscos e as oportunidades que este fenómeno acarreta no território nacional. Teve como abordagem qualitativa o estudo do caso e paradigma interpretativo. Usou-se o método comparativo para comparar diferentes categorias, tais como tempo e espaço, procurando compreender o antes e o depois da região em estudo. Este método é relevante para esta pesquisa porque dela se pode compreender o impacto das multinacionais na região onde estão estabelecidas e, por extensão, em todo o território nacional. O artigo também faz a análise geopolítica, com o uso do método geohistórico, a sistematização de autores geopolíticos e a análise das relações entre Moçambique e as multinacionais perante os recursos energéticos. Constata-se que a transnacionalização dos recursos energéticos aumenta as relações de dependência de Moçambique perante as multinacionais.

Palavras-chave: Moçambique; Recursos energéticos; Transnacionalização; Geopolítica;

ABSTRACT. Mozambique has been the scene of a growing attraction of foreign direct investment by multinational mining companies with the discovery and exploitation of energy resources such as gas, mineral coal, among others that provide transnationalization. They constitute elements of relationship with other countries, as well as part of the construction of order and of the geopolitical-energy of Mozambique, highlighting, above all, the rise of the exploration of precious stones such as ruby and natural gas and their subsequent questioning as energy resources of power to Mozambique. This article aims to understand the concept of transnationalization of energy resources in Mozambique and the risks and opportunities that this phenomenon entails in the national territory. Its qualitative approach was the case study and interpretative paradigm. The comparative method was used to compare different categories, such as time and space, trying to understand the before and after of the region under study. This method is relevant to this research because from it is possible to understand the impact of multinationals in the region where they are established and, by extension, in the entire national territory. The article also makes the geopolitical analysis, using the geohistorical method, the systematization of geopolitical authors and the analysis of the relations between Mozambique and the multinationals regarding energy resources. It appears that the transnationalization of energy resources increases Mozambique's dependence on multinationals.

Keywords: Mozambique, Energy resources, Transnationalization, Geopolitics.

RÉSUMÉ. Le Mozambique a été le théâtre d'une attraction croissante d'investissements directs étrangers par des sociétés minières multinationales avec la découverte et l'exploitation de ressources énergétiques telles que le gaz, le charbon minéral, entre autres, qui assurent la transnationalisation. Ils constituent des éléments de relation avec d'autres pays, ainsi qu'une partie de la construction de l'ordre et de l'énergie géopolitique du Mozambique, soulignant, surtout, l'essor de l'exploration des pierres précieuses telles que le rubis et le gaz naturel et leur questionnement ultérieur en tant que ressources énergétiques du pouvoir au Mozambique. Cet article vise à comprendre le concept de transnationalisation des ressources énergétiques au Mozambique et les risques et opportunités que ce phénomène comporte sur le territoire national. Son approche qualitative était l'étude de cas et le paradigme interprétatif. La méthode comparative a été utilisée pour comparer différentes catégories, telles que le temps et l'espace, en essayant de comprendre l'avant et l'après de la région étudiée. Cette méthode est pertinente pour cette recherche car à partir d'elle il est possible de comprendre l'impact des multinationales dans la région où elles sont implantées et, par extension, sur l'ensemble du territoire national. L'article fait également l'analyse géopolitique, en utilisant la méthode géohistorique, la systématisation des auteurs géopolitiques et l'analyse des relations entre le Mozambique et les multinationales en matière de ressources énergétiques. Il apparaît que la transnationalisation des ressources énergétiques augmente la dépendance du Mozambique vis-à-vis des multinationales.

Mots clés : Mozambique, Ressources énergétiques, Transnationalisation, Géopolitique.



INTRODUÇÃO

A transnacionalização dos recursos energéticos é um fenómeno que se enquadra na Geopolítica dos Recursos Minerais e de Hidrocarbonetos, uma temática actual que emerge com a descoberta de tais recursos pelos Estados. Considerando que tais recursos não se encontram no mesmo espaço geográfico, verifica-se que há recursos localizados em determinados territórios em desenvolvimento e outros estão em espaços desenvolvidos a nível económico. Este aspecto geográfico e económico influencia o surgimento do fenómeno de transnacionalização que possibilita que empresas de um determinado país desenvolvido possam explorar em outro Estado. Este trabalho vai se limitar no estudo da transnacionalização e suas implicações para Moçambique, recorrendo-se a análise geopolítica.

A análise geopolítica projecta - se em Moçambique que é um palco onde decorrem várias interações entre diferentes Estados com vista a obterem mais espaço para exploração dos recursos energéticos. A análise da transnacionalização será feita de forma integrada e multifacetada, pois a geopolítica transita por esferas diversas desde temas económicos, sociais, étnicos, energéticos, conflitos nacionais e internacionais, recursos minerais e hidrocarbonetos.

Este artigo interessa-se particularmente pela última esfera mencionada, que são os recursos minerais e hidrocarbonetos, tendo como objectivo compreender o conceito de transnacionalização dos recursos energéticos de Moçambique e suas relações de poder com outros países. Igualmente, o artigo reflecte a importância deste fenómeno na exploração dos recursos minerais pelas multinacionais para o desenvolvimento de Moçambique realçando os seus riscos e oportunidades.

MÉTODOLOGIA

O presente artigo é uma pesquisa qualitativa que usou a técnica documental através de leituras de livros, relatórios, revistas especializadas, artigos sobre a transnacionalização, recursos minerais, investimentos directos estrangeiros para estudo do caso em Moçambique e usou o paradigma interpretativo que consistiu em verificar como possíveis conceitos se aplicariam no caso em estudo. Usou-se o método comparativo para comparar diferentes categorias, tais como



tempo e espaço, procurando compreender o antes e o depois da região em estudo que é relevante para a pesquisa para elucidar o impacto das multinacionais na região onde estão estabelecidas e, por extensão, em todo o território nacional. O artigo também faz a análise geopolítica, com o uso do método geohistórico, a sistematização de autores geopolíticos e as relações entre Moçambique e as multinacionais perante os recursos energéticos.

O CONCEITO DA TRANSNACIONALIZAÇÃO

A transnacionalização foi um fenómeno que começou a ser notado na década de 1960, com impactos directos sobre a economia mundial. Neste período, as empresas multinacionais, com suas filiais espalhadas por diversos países, passaram a superar o comércio mundial em termos de valor de produção. Este conceito de transnacionalização enquadra-se no paradigma estruturalista económico global (globalismo). Segundo Lundin (2016), os estruturalistas económicos analisam como é que alguns Estados, elites ou classes transnacionais, conseguem extrair benefícios da estrutura económica global ou do sistema capitalista às expensas dos outros.

Com isso, a transnacionalização da produção alterou os padrões financeiros da época, fazendo com que os fluxos financeiros internacionais fossem maiores do que a inversão estrangeira no âmbito do comércio internacional. Esse fenómeno económico foi intensificado pela multinacionalização. O processo foi marcado pela formação de grandes grupos de empresas privadas actuando com estratégias globais (Figura 1). As empresas transnacionais passaram, então, a ser configuradas como organizações com facturamento, ou volume de negócios, que atingia, no mínimo, 500 milhões de dólares. Normalmente, essa realidade acontecia em empresas com filiais implantadas em, pelo menos, seis países. Ocorreu também uma multinacionalização generalizada, com diversas empresas conquistando mercados externos.

Esse movimento causou, em alguns momentos, divergências entre governos locais e estrangeiros, além de ter colaborado para a falência de muitas empresas nacionais, ter intensificado o processo de êxodo rural e ter aumentado as transferências de lucro para os países sede de cada transnacional.



Figura 1. Empresas Multinacionais



Fonte: www.todoestudo.com.br

55

A transnacionalização enquadra-se no paradigma eclético que de acordo com Dunning (1988), citado por Mucanze (2016:19) foi concebido para oferecer uma estrutura holística, através do qual é possível identificar e avaliar a significância dos factores que determinam a produção das empresas multinacionais no estrangeiro. Ele mesmo admite nesse texto que o termo eclético parece muito ambicioso. No entanto, este foi concebido para transmitir a mensagem de que para se estudar as atividades das transnacionais há necessidades de criar bases através do estudo de várias vertentes da teoria económica e que o Investimento Directo Estrangeiro (IDE) é apenas um dos canais da integração internacional das economias. Ou seja, é eclético porque mistura abordagens teóricas distintas, com diferentes perspectivas e converte-as numa só teoria.

Para Lins (2011) a centralidade dos recursos energéticos na acumulação de capital e a proeminência do petróleo na matriz energética em nível planetário outorgam a essa *commodity* um papel decisivo na geoeconomia e na geopolítica do capitalismo. Garantir o abastecimento, com livre acesso às fontes e adequada fluidez na oferta, e operar com preços que provoquem poucas turbulências quanto possível, são objectivos estratégicos para diferentes Estados. As



regiões com destaque em produção e exportações, e principalmente em reservas comprovadas, constituem, por isso, alvos privilegiados das iniciativas de diversos países em torno da energia.

Áreas detentoras de reservas importantes, em distintos países e regiões, tornaram-se especialmente sedutoras para o capital ligado à energia desde que, nos anos 70, o Golfo Pérsico mostrou que depender de uma só origem, não obstante o significado desta em volume e custo de produção, torna muito vulneráveis os grandes consumidores e importadores. A própria elevação do preço do petróleo, carro-chefe das crises energéticas daquela década, conferiu viabilidade à exploração de reservas onde, devido às condições de operação, os custos são muito maiores do que no Golfo (como no Mar do Norte, por exemplo). Assim, a geografia das iniciativas, tanto de extração e refino quanto de transporte, abrange hoje uma multiplicidade de espaços em diferentes continentes, regiões e países. Tais acções incluem estratégias e acordos e são guiadas pela tentativa de marcar presença nesses espaços à frente de concorrentes (Estados, empresas), procurando garantir prevalência em matéria de acesso e controle na expectativa de benefícios econômicos e políticos

56

De acordo com Mucanze (2016:51) quando se fala de IDE em Moçambique é inevitável não deixar de citar a exploração dos recursos naturais. Esse tema tem sido evidenciado nos últimos anos, principalmente depois da descoberta de grandes reservas de carvão mineral, areias pesadas, gás e petróleo no interior do país. Sulemane (2009) menciona que há alguns poucos anos atrás, a indústria extrativa de recursos minerais não tinha um papel relevante na economia moçambicana e que no passado houve alguma exploração mineral em várias regiões do país. No entanto, muitas dessas minas foram paralisadas durante a guerra, havendo, no entanto, hoje, unidades de produção que já estão sendo reabilitadas caso da mina de grafite em Balama, província de Cabo Delgado. Nos dias actuais pode-se traduzir a indústria extrativa moçambicana em quatro megaprojetos: gás natural, petróleo, carvão e areias pesadas. Sendo que o petróleo moçambicano ainda é pouco explorado, pelo menos não existem os dados da sua exploração.

A TRANSNACIONALIZAÇÃO MINERAL E ENERGÉTICA EM MOÇAMBIQUE

A transnacionalização da economia e da produção industrial provocou uma dependência maior dos países para com as nações mais ricas. Os espaços económicos nacionais foram



modificados, de acordo com os interesses das empresas multinacionais. Isso causou uma revolução na economia mundial e trouxe certa instabilidade para os sistemas de produção local.

De forma resumida, é possível dizer que o processo gerou uma internacionalização da produção capitalista. O surgimento deste espaço económico mundial resultou na expansão do capital para diferentes países. Neste contexto, os Estados Unidos, os países da Europa, o Japão e algumas outras nações foram bastante beneficiados. A transnacionalização também serviu para consolidar o poder norte-americano no mundo. Recorre-se a Exxon Mobil e a Anadarko, duas gigantes multinacionais petrolíferas norte-americanas que detêm maior espaço de actuação nas operações do projecto de exploração de gás na bacia do Rovuma em Moçambique. Outrossim, verifica-se a actuação de outras multinacionais como ENI (italiana), Kogas (sul coreana) e a CNPC (chinesa) na exploração do gás. Verifica-se deste modo um espaço de partilha e disputa de poder de actuação para ganhar mais preponderância nas operações de exploração do gás e obter mais lucros a nível internacional.

Segundo Privacy Shield (<https://www.privacyshield.gov/article?id=Mozambique-Mining>) Moçambique possui depósitos comercialmente importantes de carvão (carvão de coque de alta qualidade e carvão térmico), grafite, minério de ferro, titânio, apatite, mármore, bentonite, bauxite, caulim, cobre, ouro, rubis e tântalo.

Moçambique possui alguns dos maiores depósitos de carvão inexplorados do mundo. A Vale do Brasil fez grandes investimentos em sua mina de carvão de coque (Figura 2). Seus primeiros embarques de carvão metalúrgico foram em 2011. A Vale, por meio de sua participação no consórcio *Northern Corridor Development* (CDN), renovou a linha férrea de Nacala, que atravessa partes do Malawi até o porto de águas profundas de Nacala. Existem oportunidades para o fornecimento de equipamentos de mineração de carvão e logística e equipamentos ferroviários. Dada a expectativa de que os custos de mineração na África do Sul aumentem consideravelmente nos próximos anos, Moçambique pode ganhar uma vantagem competitiva regional (Figura 3).

Figura 2. Exploração do carvão pela Vale do Brasil em Moçambique, província de Tete



Fonte: <https://outraspalavras.net/terraeantropoceno/vale-o-dossie-mocambique/>

Figura 3. Moçambique e a exploração do carvão



Fonte: <http://www.vale.com/mozambique/pt/business/mining/coal/Paginas/default.aspx>

Dois grandes projectos de investimento focados na mineração e processamento de depósitos de areias pesadas estão avançando. Os projetos Moma Heavy Sands (Kenmare Resources) e Corridor Sands (BHP Billiton) juntos exigirão mais de US \$ 1 bilhão em investimentos (figura 4).

Figura 4. Empresa KENMARE localizada em Moma que explora as areias pesadas, província de Nampula



Fonte: <https://www.kenmareresources.com/>

Para a Privacy Shield Framework, o potencial mineral de Moçambique ainda não foi explorado. Os depósitos de ouro nas províncias de Niassa, Tete e Manica atraíram o interesse de investidores nacionais e internacionais nos últimos anos. A mineração de ouro tem se desenvolvido lentamente, pois a maioria de suas actividades é feita por mineradores artesanais informais. No entanto, a crescente regulamentação da mineração de ouro pode levar a uma produção em maior escala, já que o governo começa a exigir que os mineiros formalizem seu *status* legal. A Xtract Resources recentemente adquiriu uma concessão de mineração de ouro com reservas estimadas de 2,97 milhões. Previu-se para os anos de 2016 a 2020 o crescimento da produção da indústria de ouro em 1,1% (<https://www.privacyshield.gov/article?id=Mozambique-Mining>).

A Syrah Resources (Austrália) fez seu primeiro embarque de grafite de seu projeto Balama no segundo semestre de 2017 e inaugurou formalmente o projeto em abril de 2018. O projeto Balama tem uma capacidade de produção de 350.000 toneladas por ano, o que representa uma participação de 40% do mercado mundial de grafite. A Syrah exportará a maior parte dessa produção para os mercados chinês e americano. Mustang Resources Ltd. anunciou a aceleração do seu Projeto *Caula Graphite and Vanadium* no norte de Moçambique. No valor de aproximadamente US \$ 44 milhões, este projecto está passando por um estudo de viabilidade definitivo e programou-se o início da produção de grafite para meados de 2019. Os depósitos totais de grafite são estimados em 700.000 toneladas a partir de 5,4 toneladas métricas de



minério, com um teor de vanádio associado do minério estimado em até 1,02%. A Baobab Resources (Austrália) está desenvolvendo um projeto de ferro-gusa na província de Tete para fornecer ferro e aço para projetos de infraestrutura regionais.

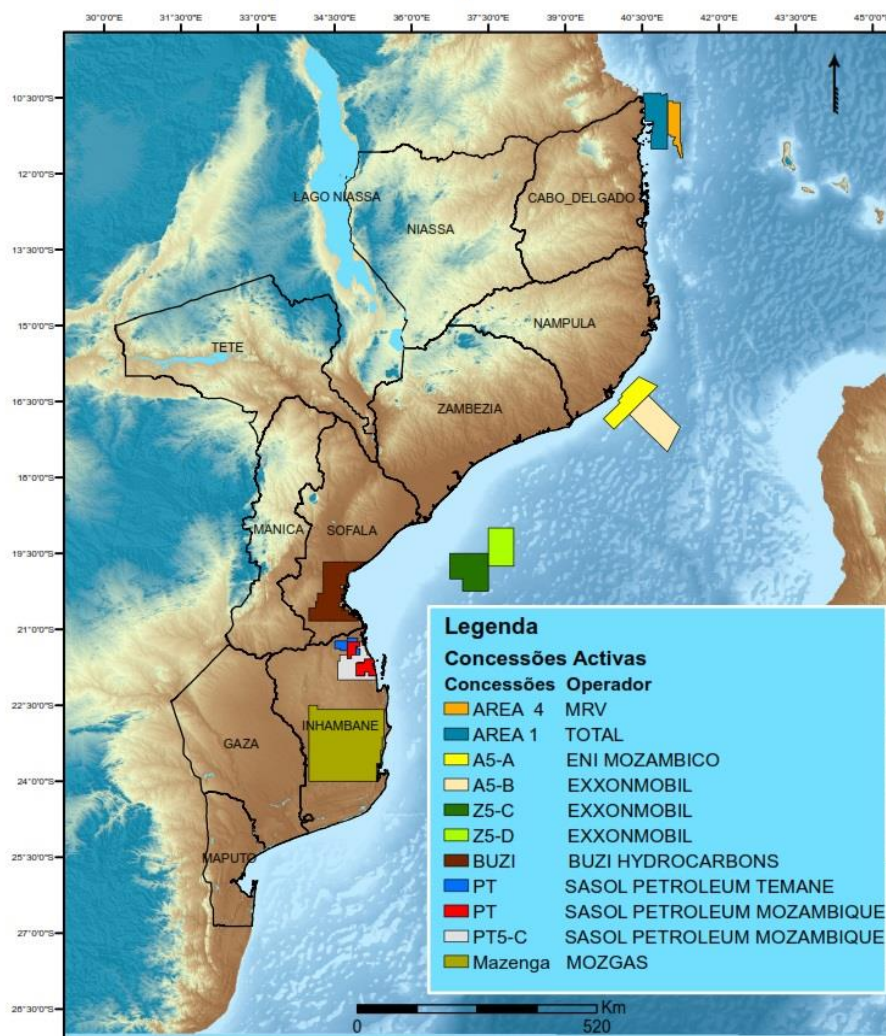
Gemfields (Reino Unido) possui 75% de participação na Montepuez Ruby Mining Limitada, que iniciou suas operações em fevereiro de 2012, e representa um investimento de \$ 130 milhões no desenvolvimento de depósitos de rubi no norte de Moçambique em uma área de concessão de 2.600 quilômetros quadrados. A Gemfields estima que sua concessão existente contém um valor estimado de 467.000 quilates de rubis nas mineralizações primária e secundária. Em 16 de julho de 2018, a Fura Gems Inc. (Canadá) anuncia a aquisição de nove ativos de rubi no norte de Moçambique da Mustang Resources Ltd. (Austrália) e Regius Resources Group Ltd. (Reino Unido). Após a conclusão da aquisição, a Fura Gems deterá uma área de concessão de mineração de rubi de 1.104 quilômetros quadrados no norte de Moçambique. Esperava-se que a aquisição fosse concluída até o final de 2018, quando a Fura teria uma participação efetiva nesses projetos entre 65% e 80%, com o restante sendo detido por parceiros locais. A Fura anunciou sua intenção de investir mais de US \$ 19 milhões nesses projetos nos próximos 3 anos em um programa de perfuração, amostragem em massa e mineração de produção.

Em Moçambique, têm operado multinacionais petrolíferas na exploração de recursos minerais e hidrocarbonetos, citar alguns exemplos como a Exxon Mobil Corporation (ExxonMobil) dos Estados Unidos de América, Ente Nazionale Idrocarburi S.p.A. (ENI) da Itália e a TOTAL da França (Figura 5).

Segundo a Agência Lusa, os projectos de gás da Área 1 e Área 4 (liderado pela Exxon e Eni) deverão colocar Moçambique no 'top 10' dos maiores produtores mundiais e acelerar o crescimento económico para incrementos entre 7% a 10% ao ano.

Figura 5. Mapa das Áreas de Pesquisa e Produção de Hidrocarbonetos

Áreas de Pesquisa e Produção de Hidrocarbonetos



Fonte: <http://www.inp.gov.mz/>

QUE OPORTUNIDADES MOÇAMBIQUE PODE TER COM A TRANSNACIONALIZAÇÃO MINERAL E ENERGÉTICA?

Moçambique encontra-se numa posição geográfica singular com existência de reservas de recursos minerais e hidrocarbonetos pelo seu território (a destacar gás natural em Pande/Temane, rubi em Montepuez, grafite em Balama, petróleo e gás na bacia do Rovuma). As recentes descobertas de recursos minerais e hidrocarbonetos alteram a posição do país nas relações internacionais. Moçambique é um dos mais novos países a produzir hidrocarbonetos. Esta



singularidade atrai investimentos externos de empresas multinacionais que consideram Moçambique um mercado promissor.

Pode-se verificar, nesse contexto, um horizonte de exploração de petróleo e gás pelas empresas transnacionais citadas, isso desconsiderando as imensas reservas que os países de origem de tais empresas possuem. Tal facto pode ser visualizado como um alicerce do projecto de modernização no sector de energia e mineração, se as dívidas provenientes forem bem alocadas em proveito de Moçambique. Os interesses estrangeiros nessa imensa riqueza moçambicana são enormes, e cabe aos governantes tornar endógenos os frutos dessa riqueza.

A importância da exploração dos recursos minerais pelas multinacionais para o desenvolvimento de Moçambique não pode ser menosprezada ao identificar-se alguns aspectos significativos: criação de postos de trabalho, transformações socioeconómicas, reabilitação de infraestruturas como estradas. No caso da montagem da Linha de Sena até Moatize e o aparecimento de várias empresas na exploração do nosso carvão mineral, construção de escolas, postos de saúde, fontes de água, estradas melhoradas, novas casas, emprego, entre outros benefícios directos e indirectos. A transnacionalização atrai grandes investimentos para implementação de megaprojectos (figura 6 e 7).

Figura 6. Instalações do Projecto de Gás Natural Liquefeito (Rovuma LNG)



Fonte: <http://www.inp.gov.mz/pt>

Figura 7. Mozambique LNG (Projecto LNG Golfinho/Atum) no Complexo Afungi em Cabo Delgado



Fonte: <https://profile.co.mz>

63

A Decisão Final de Investimento do projecto Mozambique LNG foi anunciada a 18 de Junho de 2019 e o investimento total é de USD 20 biliões, o Projecto Golfinho/Atum. A geração de lucros directos na ordem dos USD 60.8 biliões dos quais cerca de USD 30.9 biliões para o Estado durante 25 anos, resultantes de Impostos (IPP e IRPC), bónus, taxas e da partilha do petróleo-lucro. São concessionárias da Área 1 da Bacia do Rovuma a Total E&P Mozambique Area 1, Limitada, com 26.5% de interesse participativo, a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, E.P. (ENH) com 15%, a Mitsui E&P Mozambique Área 1, com 20%, a ONGC Videsh Ltd, com 10%, a Beas Rovuma Energy Mozambique Ltd, com 10%, BPRL Ventures Mozambique B.V., com 10%, e a PTT Mozambique Área 1 com 8.5% de interesse participativo (www.inp.gov.mz).

O projeto Rovuma LNG, cujo respectivo Plano de Desenvolvimento foi aprovado em maio de 2019 na jazida Mamba, é operado pela Mozambique Rovuma Venture, uma `joint venture` cujos acionistas são a ExxonMobil, Eni e CNODC - China National Oil and Gas Exploration and Development Corporation, que, conjuntamente, detêm uma participação de 70% por cento na concessão da área 4, cabendo três parcelas de 10% à coreana Kogas, Galp Energia e



Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH) de Moçambique. Refira-se que o projecto prevê gerar lucros na ordem de USD 84.7 biliões de dólares norte-americanos, dos quais USD 46 biliões para o Estado Moçambicano durante 25 anos, resultantes de Impostos (IPP e IRPC), bónus, taxas e da partilha do petróleo-lucro para além de disponibilizar cerca de USD 3 biliões para beneficiar empresas moçambicanas através do fornecimento de bens e serviços necessários para o projecto e actividades conexas (www.inp.gov.mz).

O projecto Rovuma LNG é um megaprojecto partilhado por multinacionais petrolíferas, e um exemplo recente da transnacionalização em Moçambique. Este projecto financiou a construção de uma Vila de Reassentamento, que vai acolher as famílias que se encontram na área onde a Anadarko e os parceiros da Área 1 irão construir a fábrica de liquefação de gás natural. A vila de reassentamento inclui diferentes infraestruturas de utilidade pública como escola, centro de saúde e de abastecimento de água, posto administrativo e policial. A planta de liquefação de gás natural será erguida numa área de 7000 hectares, tendo o Governo assegurado a criação de condições de habitabilidade para as famílias afectadas. No total, serão reassentadas 556 famílias.

A par da zona de desenvolvimento industrial, o Plano Geral de Urbanização compreende 18000 hectares para estabelecimento de infraestrutura de suporte e apoio relacionadas à indústria de gás. Compreende ainda a integração de infraestruturas de habitação, formação e ensino, produção agrícola e industrial, assim como de lazer.

As oportunidades de ascensão de Moçambique como local estratégico para a aquisição de matéria-prima para produção de determinados bens, tem se solidificado com a existência dos recursos minerais. Segundo Macuacua (2002) a maior companhia de automóveis eléctricos do mundo, Tesla, assinou um acordo para a obtenção de material usado em baterias eléctricas a partir de grafite extraída na mina de Balama, em Cabo Delgado. Entendidos na matéria consideram que o acordo confirma a grafite de Moçambique como um produto de importância estratégica para uso nas novas energias.



OS RISCOS DA TRANSNACIONALIZAÇÃO MINERAL E ENERGÉTICA EM MOÇAMBIQUE.

O sector de recursos naturais caracteriza-se por gerar poucos efeitos positivos sobre os outros setores da economia e sobre o nível de emprego. No caso dos países africanos a exploração desses recursos naturais é feita por multinacionais. Nesse contexto, Hirschman (1958) argumenta que essas multinacionais tendem a repatriar os lucros ao invés de reinvesti-los na economia doméstica, e até os suprimentos necessários para o funcionamento dessas multinacionais são importados enquanto os produtos primários, resultantes da extração, tem pouco valor adicionado e são exportados para o processamento no exterior.

No caso de Moçambique pode-se observar, de acordo com os dados do Banco de Moçambique (2015) que o sector de extração de recursos naturais não renováveis é o grande determinante do IDE no país. Mesmo com a instabilidade política, desde 2012, os fluxos de IDE para o país continuaram a crescer. No entanto, sabe-se que os grandes fluxos não se traduzem automaticamente em melhores condições de vida para as populações dos países receptores. Quando o IDE estar destinado para a exploração de recursos naturais pode criar nos países receptores a concentração na produção e exportação de matérias primas. Alguns países africanos ricos em recursos naturais não renováveis atraíram diversas multinacionais para o seu interior tiveram consequências devastadoras na sua economia (Mucanze 2016:18).

De acordo com Castel-Branco (2002) os megaprojetos têm enorme contribuição nas exportações e substanciais ganhos líquidos de comércio, mas pecam por estarem concentrados em produtos primários, tão poucos que a economia moçambicana continuará sendo muito vulnerável a pequenas flutuações no mercado mundial para os produtos primários exportados. Além disso, os megaprojetos não substituem importações e, num certo sentido, aumentam a dependência do investimento relativamente a importações. E Bellucci (2008:131) refere que os mega-projectos podem ter grande impacto no PIB e na Balança Comercial, mas não no rendimento nacional e na Balança de Pagamentos, devido à compensação dos fluxos financeiros, aos pagamentos do serviço da dívida e à repatriação dos lucros.



Estes projectos são geralmente intensivos em capital e, portanto, não geram emprego directo proporcional ao seu peso no investimento, produção e comércio; não geram recursos para a economia nacional porque não pagam impostos e os seus recursos são repatriados; tem pouco impacto sobre o alívio a pobreza; competem politicamente e economicamente com as empresas nacionais; e são concentrados, tanto regionalmente quanto sectorialmente. Belluci (2008:131) afirma que como os megaprojectos são de capital intensivo, boa parte dos pagamentos será para o serviço da dívida aos credores estrangeiros e para a remessa de lucros, o que leva a impactar de forma pequena na criação de empregos, em face às suas características técnicas.

Outro risco da transnacionalização de recursos energéticos em Moçambique é eclosão de conflitos territoriais. Infelizmente, o mercado de minerais valiosos também cria um potencial para impactos negativos sobre paz e segurança. Embora as pessoas, não os minerais, entram em conflito, a presença de valiosos recursos minerais pode exacerbar a economia de soma zero para competição que é comum em situações de conflito. Escolher trabalhar com recursos minerais estratégicos cria um alto risco para o surgimento de situações extremamente difíceis (USAID, 2004:2).

De acordo com a USAID (2004:5) As disputas podem facilmente surgir entre a mineração industrial e mineração artesanal e de pequena escala (ASM – *Artisanal Small Mining*). Questões em torno dos direitos à terra e acesso a recursos; distribuição de riqueza e benefícios; entrada, construção, e problemas de saída; e impactos sociais e ambientais, todos têm o potencial de aumentar a vulnerabilidade local e gerar conflito.

Quando a mineração começa, o conflito pode surgir sobre reivindicações de terras e acesso a recursos. Às vezes, as comunidades são reassentadas para que as empresas possam alcançar os valiosos minerais no subsolo. Disputas podem se intensificar quando as populações locais recebem compensação insuficiente, são excluídos da tomada de decisão, e encontram seus meios de subsistência ameaçados. Os militares são frequentemente chamados para expulsar a competição artesanal e locais agricultores ou silvicultores à força. Tipicamente, locais de mineração industrial são fortemente guardados por forças de segurança para proteger pessoal, minerais extraídos e máquinas. A DW (2021) mencionou no seu *website* (dw.com) que em Afungi, na vila de Palma, Província de Cabo Delgado onde a TOTAL opera na prospecção de gás liquefeito, o Governo "declarou a área do projeto Mozambique LNG como zona de operação

especial de segurança e foi definido e implementado um roteiro com inúmeras medidas e ações que visam reforçar e restaurar a segurança no referido local". Forças de segurança pública e privada controlavam o local. Infelizmente a zona está sendo assolada por ataques terroristas desde fins de 2019, o que levou que a TOTAL suspendesse temporariamente as suas actividades devido a insegurança instalada nos territórios abrangidos pelo projecto Mozambique LNG.

Figura 8. Mulheres sendo escoltadas por um militar na Vila de Palma depois dos ataques de 24 de Março de 2021



Fonte: <https://www.dn.pt/>

Outro caso, de violência aconteceu em Montepuez em 2017, na localidade de Namanhumbir, em que forças de segurança pública expulsaram mineiros artesanais usando métodos contestados como agressão aos direitos humanos.

Figura 9. Imagem captada da Televisão Miramar mostrando policiais agredindo garimpeiros nas minas de rubi em Namanhumbir



Fonte: <https://clubofmozambique.com/news/>

Casos semelhantes são relatados na província de Tete, relacionados com a mineradora Vale do Brasil

Os casos de violência policial protagonizados pelas forças do Estado na proteção dos interesses da mineradora remontam ao início do projeto. Pessoas detidas, espancadas, baleadas com balas de borracha e por vezes balas reais, uso de gás lacrimogêneo contra cidadãos, mulheres grávidas e crianças (2022).

Figura 10. Manifestação de Oleiros e camponeses do bairro Primeiro de Maio, em Moatize – Tete, na mina da companhia Vale (6 de Maio de 2021)



Fonte: <https://justica-ambiental.org>



Uma vez que uma empresa de mineração é estabelecida, expectativas das comunidades locais para terem as receitas de mineração podem ser altas, ocasionalmente levando a tentativas de tomar uma parte à força. O risco de violência aumenta substancialmente se as comunidades locais acreditarem que uma nova operação de mineração não empregou pessoas locais suficientes ou canalizou benefícios suficientes para eles por meio de compensação directa, comunidade fundos de desenvolvimento e sociais mais amplos investimentos.

A postulação de Mary Kaldor (2013) de uma tese de «novas guerras» captura o argumento que está sendo feito aqui muito apropriadamente. Seu trabalho destaca como a linha entre crime e conflito político se confundiu significativamente nos últimos tempos e o importante papel que os atores não estatais desempenham neste processo. Talvez haja poucos lugares que simbolizem melhor esta relação do que em locais de recurso extracção onde o controle de acesso é um factor importante no prolongamento da violência. De acordo com o Relatório da USAID (2004) esse ponto é relevante em diversos contextos de recursos naturais, de produtos agrícolas como madeira, borracha para mineração de diamantes.

Há um destacamento crescente de tropas estrangeiras nos estados africanos. Muitas dessas implantações estão ligados a instabilidades em locais de extracção de recursos e muitas vezes são explicados como parte da guerra global contra o terrorismo liderada pelos Estados Unidos (TANA high-level Forum on Security in Africa, 2017). Para o caso de Moçambique, a situação de violência na zona norte está sendo apaziguada com o apoio das tropas do Rwanda e da SADC bem como com ajuda técnica de outros Estados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo constata que a transnacionalização dos recursos energéticos aumenta as relações de dependência entre Moçambique perante as multinacionais. É importante que esta dependência seja vista como estratégica no sentido de Moçambique colher ferramentas capazes de sustentabilizar o sector extractivo emergente após a saída das operações das grandes multinacionais envolvidas. A indústria dos recursos minerais e hidrocarbonetos remete a um paradoxo de desenvolvimento, ela traz consigo aspectos negativos e positivos, cabe os *decisions*



makers terem equilíbrio nas suas decisões com vista a ter mais oportunidades de desenvolvimento e proporcionarem o bem-estar no país.

Mucanze (2016:72) constata que Moçambique está numa situação muito vulnerável aos efeitos adversos da economia concentrada na extração dos recursos naturais, instituição fraca, alta corrupção, sensibilidade à volatilidade dos preços internacionais das *commodities*, pouco controle sobre a riqueza gerada pela indústria extractiva e os consequentes conflitos internos. De acordo com a literatura consultada ainda existe grandes reservas de gás natural e petróleo na bacia do Rovuma que ainda não começaram a ser exploradas, fez-se a previsão do arranque dos projectos de exploração do gás liquefeito para depois de 2020. Moçambique deve usar os projectos anteriores para não repetir erros.

Merece destaque o facto de que o Estado moçambicano não possui políticas claras para a promoção das ligações entre as Pequenas Médias Empresas (PME) nacionais e os megaprojetos, principalmente no que tange a transferência de tecnologias. Krause e Kaufman (2011) acrescentam esse argumento afirmando que atitude do Governo em relação à política industrial é mais uma reacção aos interesses dos grandes investidores e doadores do que proativa ou estratégica, uma vez que as medidas de política ou projetos que são promulgadas ou implementados são aquelas que respondem aos interesses destes, contrariamente ao que acontece com abordagens de políticas industriais mais complexas que exigem um papel ativo do Governo.

Os megaprojetos gozam, desnecessariamente, de grandes incentivos fiscais, enquanto são intensivos em capital, pouco empregam, exploram recursos naturais não renováveis e tem toda a liberdade de expatriar todos os lucros e dividendos para os seus países de origem. Quer dizer, o país está apostando num sector que não gera grandes retornos na economia nacional, como mecanismo para impulsionar o crescimento do PIB nacional. Como diziam Castel-Branco (2008) e Sulemane (2009) a riqueza gerada pelos megaprojetos pertence às corporações transnacionais. Outro factor importante é de que os megaprojetos pouco contribuem para reduzir a taxa de desemprego em Moçambique.

Mucanze (2016) considera que o IDE vem para Moçambique procurando factores de produção mais baratos, atraído pela dotação de gás natural, petróleo, carvão mineral e outros minerais. Esses grandes fluxos de IDE encontram em Moçambique um ambiente institucional frágil. As transnacionais deparam-se também com uma grande liberdade pois o país não possui



infraestruturas nem conhecimento técnico para auditar a atuação delas em Moçambique. A grande dependência que o país tem de exportar os recursos naturais não renováveis, e a dependência deste sector para atrair investimentos diretos externos é motivo de muita preocupação devido à baixa eficácia e qualidade das instituições moçambicanas. Nesse sentido todas as pesquisas sobre países, onde as exportações estão concentradas no setor extrativo denunciam o fato de que os recursos naturais não renováveis (explorados no país), tais como o gás, o carvão mineral, e as areias pesadas não serem facilmente controlados e geridos pelo governo e por essa razão constituem um problema particular nos países onde existe uma frágil capacidade institucional, que é o caso de Moçambique. Nesse sentido, o futuro do país não pode nos trazer boas esperanças no que tange ao desenvolvimento econômico baseado na exploração dos recursos naturais não renováveis.

REFERÊNCIAS

BANCO DE MOÇAMBIQUE, **Relatório anual 2014**. v. 23. Maputo. 2015.

BELLUCCI, B. **Tudo e nada: a aposta do capital em Moçambique**, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008, <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100711083135/08bellu.pdf> acesso dia 28 mar.2022.

CASTEL-BRANCO, C. N. **Megaprojetos e estratégia de desenvolvimento: notas para um debate**. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, 2002. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/lib/cncb/Mega_projectos_Moz_texto.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2015.

CASTEL-BRANCO, C. N. **Os mega projectos em Moçambique: que contributo para a economia nacional?** Maputo, 2008. Acesso em: 20 fev. 2016.

DUNNING, J. H, **Explaining international production**. London: Unwin Hyman, 1988.

HIRSCHMAN, A. O. **The strategy of economic development**. New Haven: Yale University Press, 217p., 1958.

KALDOR, M., 2013. **In Defence of New Wars. Stability: International Journal of Security and Development**, 2 (1), p.Art. 4. DOI: <http://doi.org/10.5334/sta.at>

KRAUSE, M.; KAUFMAN, F. **Industrial Policy in Mozambique**. Discussion paper, n. 10, DIE – German Development Institute. Bonn, 2011.



LINS, H. N. **Geoeconomia e geopolítica dos recursos energéticos no capitalismo contemporâneo: o petróleo no vértice das tensões internacionais na primeira década do século XXI.** In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011, 3., 2011, São Paulo, Acesso em: 04 Apr. 2022.

LUNDI, I. B. **Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais.** Maputo: Escolar Editora 476p., 2016.

MACUÁCUA, A. R. **Face à procura no mercado internacional, produção de grafite aumenta de forma exponencial no país.** *Jornal Noticias.* Maputo, 11.02.2022, p.1, <https://www.jornalnoticias.co.mz/?s=Producao+de+Grafite+aumenta+>

MUCANZE, N. A. **Investimento Directo Estrangeiro em Moçambique: Aspectos positivos e negativos,** 120 f. Dissertação (Mestrado em Economia). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2016.

RODRIGUES, P. C. S. F. N. **Fusões e aquisições internacionais e investimento de raiz: determinantes macroeconômicos e efeitos sobre o crescimento.** Tese (Doutorado em Ciências Empresariais) – Universidade do Porto, 2009. Disponível em: <<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/20599/2/TESEPAULARODRIGUES.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

SULEMANE, T. **Alguns desafios na indústria extrativa em Moçambique.** Centro de Integridade Pública, Maputo, maio 2009. Acesso em: 28 fev. 2016.

TANA HIGH-LEVEL FORUM ON SECURITY IN AFRICA, 22-23 APRIL 2017. Ethiopia, 2017.

USAID, **Mineral and Conflict,** A Toolkit for Intervention, 2004.

VICENTE, J. B. **A interdependência contemporânea entre as Nações e a (im) possibilidade de afirmação de um Estado Soberano** In: XII Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, II Mostra Nacional de Trabalhos Científicos, Brasil, 2016.